

UM "OLHAR EUROPEU" EM 2000 IMAGENS: ALPHONS STÜBEL E SUA COLEÇÃO DE FOTOGRAFIAS DA AMÉRICA DO SUL

Frank Stephan Kohl *

"Collection Alphons Stübel": um tesouro escondido

O objetivo deste artigo é apresentar o geógrafo alemão Alphons Stübel, que viajou entre 1868 e 1877 pela América do Sul, e a sua significativa, mas até agora quase desconhecida, coleção de fotografias, composta originalmente por quase 2000 imagens de vários fotógrafos sul-americanos oitocentistas. Inesperadamente essa coleção nasceu de uma paixão por vulcões e se deve a uma expedição para o Havaí que nunca aconteceu.

A denominada "Collection Alphons Stübel", atualmente preservada no acervo do Leibniz-Institut für Länderkunde, em Leipzig, é a maior coleção de fotografias sul-americanas do século XIX da Alemanha – e provavelmente da Europa – até agora conhecida.



Carimbo da "Collection Alphons Stübel"

Comparada em número de imagens ela perde claramente para a "Coleção Dona Thereza Christina Maria" estimada em mais de 25.000 imagens e hoje guardada na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Mas não podemos esquecer que essa última coleção foi reunida pelo então Imperador Dom Pedro II, grande adepto da fotografia no Brasil durante os quase 50 anos do seu reinado. E, além de criar sua coleção em grande parte com dinheiro público, o soberano aumentava seu acervo com várias fotografias doadas. ¹ Alphons

* Mestre em Antropologia Contemporânea e História Social na Universidade de Marburg/Alemanha, atualmente doutorando pela mesma Universidade em Antropologia Visual sobre o uso da fotografia no século XIX na construção da imagem do Brasil no exterior.

¹ Sobre a Coleção de fotografias de Dom Pedro II veja: Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha: A "Coleção D. Thereza Christina Maria", no Catálogo com o mesmo título da exposição realizada na Biblioteca Nacional de 17 de março a 14 de maio de 1987. Rio de Janeiro, 1987. Veja também: Karp Vasquez, Pedro: Dom Pedro II e a fotografia no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Index, 1985.

Stübel, porém, reuniu a sua coleção no relativamente curto período de 9 anos, adquirindo as suas imagens com os seus próprios recursos.

Se a "Collection Alphons Stübel" já pode ser considerada importante para a história da fotografia por sua quantidade de imagens, ganha mais importância ainda pelo fato de ter sido criada no século XIX e dispor de uma vasta documentação do seu colecionador e organizador, incluindo cartas, anotações, mapas, publicações entre outros documentos. Alphons Stübel não somente comprou as fotografias durante a sua viagem pela América do Sul mas, depois de retornar para a Alemanha, organizou a sua coleção de fotografias, incorporando-a numa exposição do Museu de Geografia, por ele criado no final do século XIX. Todo esse trabalho de aquisição, organização e exposição das fotografias foi amplamente documentado pelo cientista, extremamente metódico e cuidadoso.

Durante o século XX a "Collection Alphons Stübel" sofreu muitas alterações e mudanças por causa de problemas financeiros e políticos e também por questões científicas. Inaugurada a exposição em 1896 num departamento do Museu de Etnologia em Leipzig, foi transferida em 1905 para um Museu próprio, aí permanecendo até o fechamento da casa em 1928, quando voltou novamente para o Museu de Etnologia. Durante a década de 1930 foi desmontada a exposição permanente. As fotografias da "Collection Alphons Stübel" foram integradas ao acervo de imagens do Museu, desfazendo o conjunto original. Novas mudanças aconteceram em 1942 em plena Segunda Guerra Mundial, quando as fotografias foram incorporadas ao acervo do recém-fundado "Deutschen Institut für Länderkunde". Com o fim do nazismo e o novo governo comunista no poder na Alemanha Oriental as fotografias de Alphons Stübel permaneceram no acervo da mesma instituição que por motivos políticos mudou o seu foco. As fotografias quase não foram usadas para aulas de geografia nos anos seguintes e caíram quase em total esquecimento depois de uma reforma acadêmica em 1968 na extinta Alemanha Oriental, quando o "Deutsches Institut für Länderkunde" foi transformado em uma instituição de pesquisa geográfica, nomeado "Institut für Geologie und Geoökologie der Akademie der Wissenschaften". Em 1992, dois anos depois da reunificação da Alemanha, o instituto readquiriu o antigo nome, "Institut für Länderkunde", e é

hoje em dia o maior centro de pesquisa de geografia regional na Alemanha. A última mudança aconteceu em 2003 quando foi adicionado o nome do filósofo alemão Leibniz no título da instituição, chamando-se a partir dessa data "Leibniz-Institut für Länderkunde".

Embora tenha sofrido algumas perdas durante todas essas mudanças nos mais de 100 anos desde a sua criação, a "Collection Alphons Stübel" manteve seu corpo muito completo. Já em 1985, ainda na Alemanha Oriental, foi feita a única pesquisa na coleção das fotografias por Andreas Krase, resultando numa tese de mestrado.² Krase conseguiu localizar 1720 das 2000 fotografias da coleção original. O maior obstáculo para a pesquisa da "Collection Alphons Stübel" é a desintegração do conjunto, a dispersão das fotografias no amplo acervo fotográfico do "Leibniz-Institut für Länderkunde" e a identificação dos autores das imagens. Em 2003 o "Leibniz-Institut für Länderkunde" começou um projeto de digitalização do seu acervo fotográfico³, criando um banco de imagens. Para isso conta com o apoio do brasileiro Instituto Moreira Salles, que futuramente vai oferecer acesso à coleção pelo seu site. Atualmente a "Collection Alphons Stübel" está sendo analisada para o nosso trabalho de doutorado.

No Brasil a história de Alphons Stübel e sua coleção de fotografias é quase desconhecida. No final de 2000 Pedro Karp Vasquez informou no seu livro sobre os *Fotógrafos alemães no Brasil do século XIX* da "existência de um formidável acervo de cerca de 2000 fotografias, divididas entre o Reiss-Museum, em Mannheim, e o Institut für Länderkunde, em Leipzig". Foi ele quem apresentou pela primeira vez em língua portuguesa o viajante alemão Alphons Stübel e seu conterrâneo Wilhelm Reiss.⁴ Em pouco mais de duas páginas

² A respeito da Coleção de fotografias somente existe um trabalho de mestrado (não publicado) feito por Andreas Krase em 1985 na antiga e extinta Alemanha Oriental. Em 1994 foi editado um catálogo por ocasião de uma exposição referente à viagem de Alphons Stübel e Wilhelm Reiss com artigos, abordando a fotografia nas coleções dos dois cientistas. Brockmann, Andreas; Stüttgen, Michaela (org.): Spurensuche. Zwei Erdwissenschaftler im Südamerika des 19. Jahrhunderts. Unna 1994

³ Brogiato, Heinz Peter / Horn, Katarina: Der historische Bildbestand im Institut für Länderkunde Leipzig. Aufbau eines digitalen Langzeitarchivs. In: Information Wissenschaft & Praxis 54/2003, Nr. 1, p. 27-31. Para mais informações veja o site: <http://www.ifl-leipzig.de>.

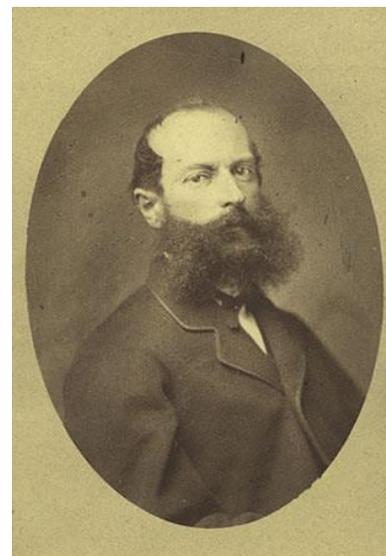
⁴ A coleção de fotografias sulamericanas de Wilhelm Reiss é menor do que a do seu companheiro e colega Alphons Stübel. Das originalmente cerca de 800 fotografias existem ainda 551 imagens, a maioria idêntica ou parecida com as da "Collection Alphons Stübel". Ela está sendo guardada

relatou resumidamente a vida dos dois geólogos e a sua viagem pela América do Sul, destacando a vasta coleção de objetos e fotografias reunidas. Também publicou algumas das imagens pertencentes às duas coleções, de autoria de fotógrafos alemães no Brasil. Voltou a publicar algumas fotografias brasileiras das coleções Stübel e Reiss em 2003 na monografia *O Brasil na fotografia oitocentista*. George Ermakoff é outro brasileiro que publicou fotografias de escravos da autoria de Alberto Henschel e de Felipe Augusto Fidanza da Coleção de Alphons Stübel no seu livro *O negro na fotografia brasileira do século XIX*, editado no final do ano passado.⁵ Em outras palavras, as fotografias da Coleção de Alphons Stübel somente foram usadas para garimpar novas imagens para a história da fotografia brasileira oitocentista. No entanto, na nossa opinião, a importância da coleção de fotografias de Alphons Stübel para a história da fotografia do Brasil e da América do Sul vai muito além de apenas apresentar novas imagens.

Uma expedição por acaso: Alphons Stübel na América do Sul

Moritz Alphons Stübel, filho do vereador Moritz Stübel, nasceu em 1835 na cidade de Dresden na Saxônia, sudoeste da Alemanha. Órfão de pai e mãe com 14 anos, foi criado pelo tio Julius Stübel em Dresden.

Em 1854, com 19 anos, começou os seus estudos em ciências naturais na Universidade de Leipzig, cidade vizinha de Dresden. Já em 1860, Stübel entregou a sua tese de doutorado em Geologia na Universidade de Heidelberg, terminando as faculdades de Mineralogia, Física e



Retrato Alphons Stübel

na cidade de Mannheim, no recentemente criado setor de fotografia do reformulado Reiss-Museum.

⁵ Karp Vasquez, Pedro: *Fotógrafos Alemães no Brasil do Século XIX*. Deutsche Fotografen des 19. Jahrhunderts in Brasilien. São Paulo: Metalivros 2000; Karp Vasquez, Pedro: *O Brasil na fotografia oitocentista*. São Paulo: Metalivros, 2003; Ermakoff, George: *O negro na fotografia brasileira do século XIX*. Rio de Janeiro: Casa editorial, 2004.

Química. Em seguida, trabalhou por alguns meses com o então famoso minerólogo Breithaupt em Freiberg e participou de alguns cursos na Universidade de Berlim. Alphons Stübel não era o tipo de cientista que ficava preso no seu escritório, cercado por livros e livros, elaborando as suas idéias na mesa, debruçado sobre os manuscritos e documentos. Ele era um geólogo que preferia a pesquisa no campo, observando e anotando os fenômenos e objetos da sua área.

Terminando a Universidade, viveu viajando pela Europa, observando, descrevendo e mapeando as diferentes formações geológicas e se especializando em vulcanologia. Entre 1862 e 1865 visitou a Escócia, as Ilhas Orkney e Shetland, a Ilha da Madeira, Cabo Verde e Portugal. Também fez expedições nas Ilhas Canárias, na Espanha e foi até a África, mais especificamente para Marrocos. Em 1865 conheceu um outro geólogo igualmente interessado, para não dizer apaixonado, pela vulcanologia, o colega Wilhelm Reiss (1838 – 1908). Encontraram-se no caminho para Grécia, destino de ambos depois da surpreendente erupção do vulcão Santorini. Desse primeiro encontro na Grécia e do enorme interesse científico pelos vulcões, nasceu uma amizade e intensa colaboração que durou mais de trinta anos, até que terminou repentinamente por causa de grandes diferenças a respeito de teorias da vulcanologia.

Como fruto dessa amizade nasceu, poucos anos depois do primeiro encontro, o projeto de uma expedição para o arquipélago do Havaí, conhecido por seus vulcões. Já em 1868, Alphons Stübel e Wilhelm Reiss embarcaram rumo ao Oceano Pacífico. Mas, antes de chegar no Havaí pretendiam fazer uma excursão nos Andes sul-americanos. Queriam explorar a cadeia de montanhas e os vulcões nos Andes na Colômbia e no Equador. Desembarcaram no continente no começo do mesmo ano, começando a sua excursão rumando para os Andes. Os dois viajantes-cientistas foram surpreendidos pela riqueza e diversidade do material geográfico encontrado e ficaram fascinados pelas majestosas montanhas. A planejada excursão de algumas semanas tornou-se "a mais profunda e mais bem-sucedida viagem científica da história do descobrimento das Américas", como o geólogo Hans Meyer declarou no necrólogo por ocasião da morte de Stübel em 1904, colocando-a na frente da

expedição de Alexander von Humboldt. ⁶ Sem querer comparar os méritos do naturalista Humboldt com os dos viajantes Alphons Stübel e Wilhem Reiss, podemos sem dúvida considerar a dupla de vulcanólogos entre os mais importantes pesquisadores da América do Sul oitocentista.

Stübel e Reiss ficaram quase uma década na América do Sul, retornando para a Europa sem sequer rumar para o Havai em nenhuma outra ocasião.

Os dois começaram a sua expedição pela Colômbia e Equador onde permaneceram por mais de seis anos. No final de 1874 seguiram para o Peru e em setembro do ano seguinte chegaram ao Brasil, onde permaneceram por quase seis meses. Wilhelm Reiss, depois de oito anos de viagem, desmoralizado pelo cansaço e pelas doenças, retornou para a Alemanha. Mas Alphons Stübel, obcecado cientista, movido pela insaciável ambição científica, reuniu suas últimas forças para continuar viajando sozinho por mais um ano na América do Sul. Deixando o Brasil em março de 1876 cruzou o continente, passando pelo Uruguai, Argentina, Chile e Bolívia. Ainda voltou para o Peru e o Equador, de onde embarcou para os Estados Unidos. Passou por San Francisco para pegar o material que enviara para lá 9 anos antes, que empregaria na expedição ao Havai. Cruzou os Estados Unidos da costa leste até a oeste, visitando as famosas cataratas do Niágara antes de embarcar em julho de 1877 em Nova York, com destino a Leipzig. Chegou no final do mesmo ano, quase dez anos após a sua partida, em dezembro de 1868.

Stübel viajou por nada menos que oito estados sul-americanos. Somente não esteve no Paraguai nem na Venezuela. Junto com seu colega, realizou inúmeros estudos geológicos, arqueológicos, etnográficos e antropológicos. Ambos "chegaram à América do Sul como vulcanólogos, e deixaram o continente como arqueólogos, etnólogos, geógrafos e apaixonados colecionadores de fotografias." ⁷

⁶ Meyer, Hans: Alphons Stübel. Em: Mittheilungen des Vereins für Erdkunde u Leipzig für 1904. Leipzig, 1905, p. 57-78, a citação e da p. 64.

⁷ Stüttgen, Michaela: Einleitung, em: Brockmann, Andreas; Stüttgen, Michaela (org.): Spurensuche. Zwei Erdwissenschaftler im Südamerika des 19. Jahrhunderts. Unna 1994, p. 5.

Acasos sistemáticos: A aquisição das fotografias durante a viagem

A coleta de amostras e objetos durante as expedições para uma posterior análise sempre foi um aspecto importante do trabalho de todos os viajantes durante o século XIX, especialmente dos cientistas. Nesse sentido, Stübel mostrou-se um representante exemplar da sua profissão. Incansável, comprava, recolhia e colecionava todos os objetos considerados importantes ou interessantes para futuros trabalhos. Frequentemente preparava caixas com as suas aquisições, enviando-as para a Alemanha. No total mandou para Dresden nada menos que 150 caixas contendo amostras geológicas e objetos arqueológicos, zoológicos e etnológicos, assim como as cerca de 2000 fotografias arrecadadas durante a expedição.⁸

A aquisição de imagens fez parte do programa da expedição mas não era a atividade principal de Alphons Stübel. Foi considerada uma ocupação secundária – comparada com a coleção de amostras geológicas -, porém não menos importante, como demonstra o impressionante número de 2000 imagens adquiridas em diferentes cidades por onde passou. Andreas Krase, que pesquisou a Coleção de Alphons Stübel em 1985, considera que "a compra das fotografias foi determinada por oportunidades, mas ao longo do tempo da viagem foi feita sistematicamente já visando um uso posterior."⁹

As albuminas colecionadas foram compreendidas por Stübel como prova visual.¹⁰ Assim como as pedras colecionadas ou os artefatos e objetos adquiridos, as fotografias tinham *status* de testemunhas da realidade. Por serem imagens técnicas, captadas por lentes num aparelho e fixadas através de processos químicos, as fotografias eram consideradas registros visuais. Sem acrescentar ou omitir detalhes da cena, da paisagem, do objeto ou da pessoa

⁸ Nas cartas escritas por Alphons Stübel durante a expedição frequentemente mencionava as caixas enviadas, informando o porto da remessa, o navio da carga e até o número exato de cada caixa. Às vezes mandava instruções a respeito do depósito ou manuseio das caixas até o seu retorno. Muitas vezes pediu confirmações a respeito da chegada das suas remessas.

⁹ Krase, Andreas: „Von der Wildheit der Scenerie eine deutliche Vorstellung“. Die Fotografiesammlung von Alphons Stübel und Wilhelm Reiss aus Lateinamerika 1868-1877. In: Brockmann, Andreas / Stüttgen, Michaela (org.): Spurensuche. Zwei Erdwissenschaftler im Südamerika des 19. Jahrhunderts. Unna 1994, p. 145-158 (citação da p. 147).

¹⁰ Quase todas as fotografias na "Collection Alphons Stübel" são albuminas, processo comum na época quando viajou pela América do Sul e empregado por quase todos os fotógrafos no mundo inteiro.

registrada, eram consideradas provas indubitáveis. A diferença entre o objeto real e a representação fotográfica não era nem refletida. O que interessava era a fotografia como documento visual. A fotografia como artefato, como resultado de um trabalho artístico e técnico de um profissional não interessava ao colecionador viajante, por isso é difícil encontrar dados sobre os autores das imagens.

Na coleção em Leipzig somente localizamos um único recibo informando sobre a compra de 120 fotografias e os preços pagos por elas no ateliê do fotógrafo Ricardo Villalba em Arequipa - Peru. Com esse recibo, contendo uma lista detalhada das fotografias compradas por Stübel, foi possível identificar as respectivas fotografias na coleção. Uma análise dessas imagens demonstra que Ricardo Villalba, além de fotografias do seu próprio ateliê, também vendia fotografias dos colegas Villroy L. Richardson e do Atelier Rodrigo Y Cia., ambos de Lima, capital do Peru. Com esse único documento conseguimos concluir que Alphons Stübel comprara em Arequipa grande número de imagens, provenientes de pelo menos três fotógrafos diferentes.

Apesar da falta de outros documentos a respeito da compra de fotografias, é possível tirar mais conclusões a partir de uma análise mais profunda da própria coleção de fotografias. A pesquisa das anotações nas fotografias e a verificação dos carimbos dos fotógrafos no verso dos *carte-de-visite* e dos *carte-de-cabinet* foram os primeiros passos para a identificação do autor de cada imagem. Na falta de referências claras, procuramos outras indicações para esclarecer a autoria da imagem. Na absoluta ausência de registros escritos, a comparação dessas imagens com fotografias já identificadas de outras coleções se mostrou um recurso bastante eficaz. Com esses métodos diversos conseguimos identificar 44 fotógrafos ou ateliês de fotografia.

Para demonstrar esse processo de identificação, bem como as possíveis análises dele decorrentes, gostaríamos de nos reportar à análise das imagens do Brasil.

Rio de Janeiro: o centro do mercado de fotografias do Brasil

Do maior país da América do Sul existem 216 fotografias na Coleção de Alphons Stübel, quase 10% do número total do seu acervo. Apenas cinco fotografias não tiveram os respectivos autores identificados, mas das outras 211 imagens foi possível identificar ou atribuir a autoria de cinco fotógrafos e a procedência de três ateliês fotográficos distintos.¹¹ E com o resultado dessa pesquisa podemos deduzir que Alphons Stübel comprou fotografias em várias cidades durante a sua passagem pelo Brasil. Comprou algumas imagens em Belém com o fotógrafo Augusto Felipe Fidanza, além de ganhar uma imagem de Jose T. Sabino. Adquiriu 37 retratos de "Tipos Negros" nas lojas da "Photographia Allemã" de Alberto Henschel em Recife, em Salvador e na filial da capital do Império, que estava sob o comando do sócio Francisco Benque.¹² Na Bahia comprou, além dos retratos da "Photographia Allemã", várias imagens, todas paisagens da dupla "Gaensly & Lindemann".

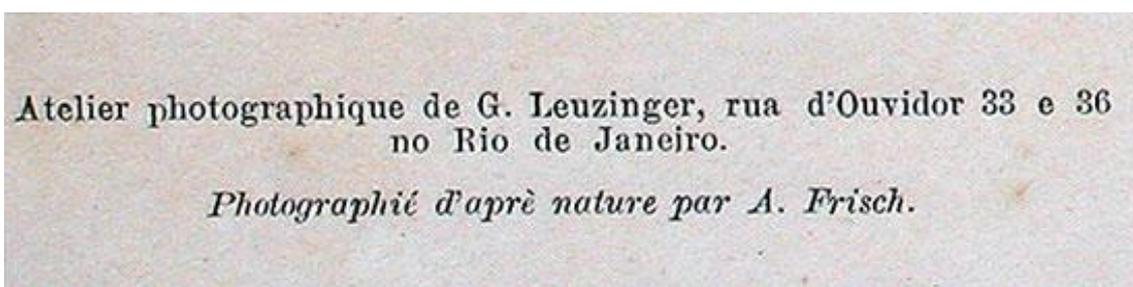


Vista panorâmica de Salvador/ Bahia (Gaensly & Lindemann)

¹¹ Foram identificadas imagens da autoria dos fotógrafos Albert Frisch, Augusto Felipe Fidanza, Insley Pacheco, Jose T. Sabino, Marc Ferrez e dos três ateliês Casa Leuzinger, Gaensly & Lindemann, Photographia Alemã (Henschel & Benque; Henschel & Co.).

¹² Com os carimbos no verso dos *carte-de-visite* e *-cabinet* das fotografias da "Photographia Allemã" foi possível identificar a origem de cada imagem, levando em consideração que as fotografias albuminadas foram coladas nos cartões de suporte das filiais onde foram tiradas. Mas existe a possibilidade de que Henschel e seu sócio Benque tenham vendido fotografias da Bahia, de Pernambuco e do Rio de Janeiro em todos os estabelecimentos da rede e por isso existe a possibilidade de Stübel ter comprado os retratos dos "tipos negros" numa só loja.

As outras fotografias brasileiras da sua coleção foram compradas na capital do Império onde chegou no final de 1875 e ficou por três meses. No Rio de Janeiro adquiriu quase 150 das 216 imagens ou 70% do total das fotografias brasileiras do seu acervo. Os retratos do casal imperial tirados pelo português Insley Pacheco provavelmente foram comprados na Rua do Ouvidor 102, endereço do famoso fotógrafo da Casa Imperial. Mas foi no número 36 da mesma rua onde Stübel comprou a maior quantidade de fotografias brasileiras. Nesse endereço funcionava o estabelecimento do suíço George Leuzinger, que anunciava regularmente no Almanak Laemmert a venda de um "grande sortimento de photographias, panoramas de vistas da cidade e arredores, stereoscopos, costumes, etc." Além de fotografias, tiradas no Rio de Janeiro e nas redondezas, George Leuzinger comercializava fotografias da Amazônia, tiradas pelo fotógrafo alemão Albert Frisch. Na coleção Stübel identificamos 66 dessas imagens.



Carimbo A.Frisch / Leuzinger

Além disso, identificamos ainda outras 66 imagens do Rio de Janeiro e arredores, até a Serra dos Órgãos, realizadas pelos fotógrafos da Casa Leuzinger, num total de 132 imagens. Em outras palavras, 60% de todas as fotografias brasileiras foram compradas na loja do famoso comerciante suíço.

Uma das primeiras conclusões é que Stübel, na hora de comprar fotografias, gastou o dinheiro com a mão aberta. Como no caso do Peru, onde comprou 120 imagens em Arequipa, Alphons Stübel também concentrou suas compras de fotografias brasileiras no Rio de Janeiro, onde adquiriu 150 imagens. Permanecendo por três meses na capital do Império, teve mais tempo para escolher os motivos e realizar suas compras. Ao mesmo tempo, encontrou uma oferta bastante ampla nessa cidade, que reunia um grande número de fotógrafos. Além dos muitos retratistas em atividade, a capital concentrava, em

comparação com outras cidades do Brasil, fotógrafos paisagistas em maior número. E eram as imagens desses profissionais que mais interessavam a Alphons Stübel.

Na "Collection Alphons Stübel" encontramos também 14 imagens atribuídas a Marc Ferrez, as quais tinha acabado de tirar no segundo semestre de 1875, como fotógrafo-assistente da "Comissão Geológica do Império do Brazil", chefiada pelo americano Charles Frederick Hartt. A Comissão Geológica, criada em abril de 1875 para a exploração sistemática do Império, voltou para a capital no final do ano da primeira expedição de Recife e do Rio São Francisco. As fotografias de Marc Ferrez foram expostas ainda em dezembro na Exposição de Obras Públicas, assim como também foi exibida "uma linda série de vistas de Recife e do Rio São Francisco com destaque para a Cachoeira Paulo Affonso" acompanhando uma apresentação dos resultados da expedição pelo Professor Hartt.¹³



Foto da barra em Recife (Marc Ferrez)

¹³ A respeito da Comissão Geológica do Império do Brazil e do trabalho de Marc Ferrez, contratado como "fotógrafo-assistente" da Comissão, veja Freitas, Marcus Vinicius de: Hartt: Expedições pelo Brasil Imperial. 1865-1878. São Paulo : Metalivros, 2001, p. 184-222; e também veja Turazzi, Maria Inez: Marc Ferrez. São Paulo: Cosac & Naify, 2000, p. 19-21.

Alphons Stübel, chegando na mesma época no Rio de Janeiro, não perdeu a oportunidade de adquirir os mais atuais "registros fotográficos" da expedição do colega Americano.

Leipzig: As fotografias de Alphons Stübel na Alemanha

Retornando para Dresden em 1877, Stübel dedicou-se à preparação do material colecionado, à publicação dos resultados científicos e à conservação de sua vasta coleção, além de continuar viajando pela Europa e pelo Oriente. Certa vez reclamou que o "trabalhou que resultou dessa viagem era muito mais penoso do que a própria viagem".¹⁴

A sua coleção foi dividida em três partes e distribuída entre três instituições diferentes. Em 1887 o Real Museu de Etnografia de Berlim recebeu todo o material arqueológico, resultado das escavações em Ancon no Peru, financiando em contrapartida os 3 volumes da publicação com os resultados dessas escavações, intitulados "Das Todtenfeld von Ancon in Peru". No mesmo ano vendeu a sua coleção de objetos etnográficos para o Museu de Etnologia da cidade de Leipzig. Com base nesse material, elaborou nos anos seguintes com o colega Max Uhle o livro "Die Ruinenstätte von Tiahuanaco im Hochlande des alten Peru". Somente em 1896 Stübel conseguiu uma instituição para guardar a sua extensa coleção de Geografia, incluindo as 2000 fotografias. Já em 1891 tinha elaborado um projeto, sugerindo para a cidade de Leipzig a construção de um Museu de Geografia e oferecendo a sua própria coleção como base. Em 1892 a prefeitura aceitou a sua oferta e quatro anos mais tarde foi inaugurado o departamento de geografia, chamado "Abtheilung für vergleichende Länderkunde" no recém-erguido prédio do Museu de Etnologia de Leipzig. Nele foi montada uma exposição permanente, concentrada na América do Sul, com os objetos e fotografias da Coleção de Alphons Stübel.

Nessa exposição Stübel pretendia uma apresentação geral e enciclopédica de cada país, baseada na formação geológica. Dividida por ordem

¹⁴ Meyer, Hans: Alphons Stübel. Em: Mittheilungen des Vereins für Erdkunde und Leipzig für 1904. Leipzig : 1905, p. 57-78, a citação e da p. 70.

geográfica, amostras de pedras, modelos de perfis morfológicos e panoramas topográficos, criaram um quadro geral, mostrando as condições geológicas de cada país. As fotografias tinham a função de informar visualmente sobre diferentes aspectos do país e de seus habitantes. Stübel considerava as fotografias como parte de uma "documentação estendida", complementando a exposição dos objetos e modelos estritamente geológicos. As fotografias cumpriram, na sua concepção, um papel importante na comunicação visual e na divulgação de resultados científicos para um público maior. "Na visão imediata se encontra o meio adequado para tornar acessíveis e prazerosos os resultados da pesquisa nas áreas das ciências naturais para um público mais amplo." ¹⁵ Dessa forma, essas imagens permitiram ao público a verificação com os próprios olhos daquilo que o cientista tentava transmitir.

A exposição na "Abteilung für vergleichende Länderkunde", hospedada numa grande sala de 350 m², estava organizada de uma maneira sistemática, meticulosamente elaborada por Alphons Stübel e sua equipe. As fotografias foram montadas em grandes cartões, cuidadosamente legendadas com informações básicas referentes aos lugares, paisagens ou pessoas reproduzidas. As imagens foram ordenadas de acordo com critérios formulados pelo próprio Stübel, de forma que apresentassem cada país e seus habitantes de uma mesma maneira.

A primeira parte era sempre dedicada à apresentação de construções e obras humanas, assim como aspectos da natureza. Cidades importantes e edifícios marcantes, linhas férreas, portos, minas e outras instalações industriais marcam o foco dessa primeira parte, representando o nível da civilização e seu avanço tecnológico. As imagens de monumentos históricos e ruínas também fazem parte dessa série de fotografias, comprovando um embasamento histórico das sociedades, figurando também como provas do nível da civilização. Fotografias de acidentes naturais (cadeias de montanhas, rios, lagos, cachoeiras), da fauna e da flora integram esse show de imagens, fechando essa primeira parte.

¹⁵ Alphons Stübel sobre o impacto da imagem em 1899, citado através Krase, Andreas (1994), p. 149.

A segunda parte da apresentação de cada país é dedicada aos seus habitantes. Separados por critérios étnicos e econômico-sociais, são apresentados retratos de personagens característicos, considerados representantes típicos das sociedades sul-americanas. Os "índios" sempre ganharam grande destaque. No caso do Brasil, os escravos trazidos do continente africano – os chamados "tipos negros" – também estavam presentes em grande número, formando verdadeiras galerias de retratos, enquanto os representantes das outras classes sociais aparecem sempre em número menor. Como exemplo desse panorama das sociedades sul-americanas e de seus meios físicos, gostaríamos de nos debruçar sobre a parte referente ao Brasil

Brasil: um Império moderno e exótico nos trópicos

O Brasil é representado por 216 fotografias, montadas em 135 cartões.

A exposição começa com imagens do Rio de Janeiro, apresentando na abertura monumentos que simbolizam a monarquia brasileira: a estátua de Dom Pedro I, o Paço Imperial e a Capela Imperial.¹⁶

Em seguida começa um verdadeiro *tour* fotográfico pela cidade com imagens tiradas de diversos pontos de vista, principalmente de lugares elevados. Alterando vistas panorâmicas com vistas parciais e até fotografias que mostram em detalhes monumentos, prédios ou praças, oferecem ao espectador uma visão de grande envergadura sobre diversos aspectos da cidade.

As vistas panorâmicas, tiradas a partir dos diversos morros da cidade ou de uma das diversas ilhas na Baía da Guanabara, transmitem ao espectador uma idéia da localização geral da cidade, cercada pelas montanhas da Serra da Tijuca e da Serra dos Órgãos, com o marcante Pão de Açúcar na entrada da baía. Vistas parciais aproximam o olhar do espectador da cidade, para que possa observar mais de perto os bairros de Botafogo ou Laranjeiras, a Lagoa de Freitas ou os morros do Castello e da Glória, com edificações e igrejas no topo.

¹⁶ Quando Stübel comprava as fotografias, em 1875/76, o Brasil ainda era uma Monarquia. Mas na abertura da exposição, em 1896, já havia se instituído a República. Portanto, a exposição não está atualizada.

Marcantes acidentes geográficos, como o Corcovado ou o Pão de Açúcar, e obras humanas típicas, como o Passeio Público e o Aqueduto da Lapa, são captadas por fotografias que aproximam ainda mais o olhar do espectador, revelando pormenores da paisagem urbana.

O uso desse recurso de alternância entre vistas panorâmicas e vistas mais fechadas oferece amplas informações visuais ao espectador. Os panoramas proporcionam uma visão total dos diferentes elementos, enquanto as vistas parciais os ampliam, como num movimento de *zoom*.

Três imagens do Rio de Janeiro com o Pão de Açúcar:



Vista panorâmica: Baía da Guanabara e o Pão de Açúcar no fundo



vista parcial: Morro da Glória com o Pão de Açúcar

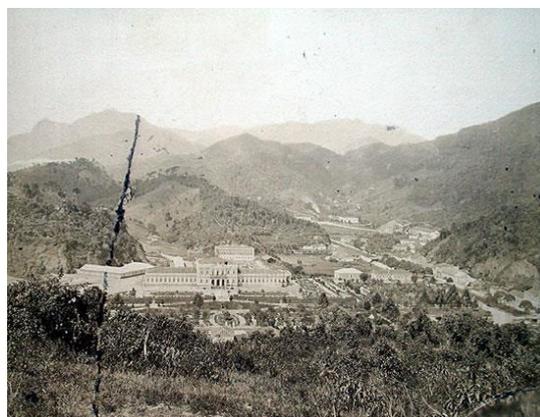


close do Pão de Açúcar

Depois do *tour* fotográfico pelo Rio de Janeiro segue uma apresentação das redondezas da capital, focando as formações rochosas da Serra da Tijuca e da Serra dos Órgãos, captando também imagens da exuberante vegetação tropical. E no meio dessa natureza está erguido, em Petrópolis, o palácio de verão do imperador Dom Pedro II, igualmente presente na exposição.



Serra dos Órgãos



Petrópolis com palácio do Imperador

Salvador e Recife foram apresentadas da mesma maneira, porém em menor escala do que a capital, mostrando diversos aspectos das cidades de diferentes pontos de vista, alternando vistas panorâmicas e vistas parciais. Uma série de fotografias do Rio São Francisco segue, destacando a impressionante queda da cachoeira de Paulo Afonso.



Cachoeira Paulo Afonso

O rio Amazonas ganhou uma grande série de 40 imagens, seguindo o curso do maior rio do mundo desde a sua entrada em solo brasileiro, na fronteira com o Peru, até a sua foz no Oceano Atlântico. São apresentados os pequenos vilarejos, as simples habitações dos pescadores e seringueiros na margem do rio e os embarcadouros dos vapores da "Companhia de navegação do Amazonas". que faziam o transporte de cargas e pessoas pelo rio.



Vilarejo de índios mansos nas margens do rio Amazonas



vapor "Bravo" no Rio Amazonas

Fotografias de animais habitantes das águas do Amazonas, como jacarés, pirarucus e peixes-boi, também fazem parte dessa apresentação.



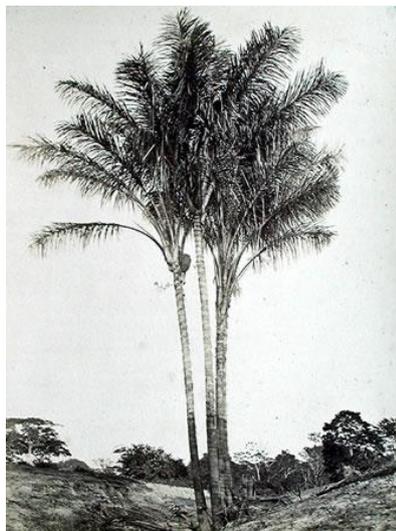
Jacaré morto



Porto em Manaus

Imagens de Manaus e Belém, capitais das províncias do Amazonas e do Pará, fecham a seção referente à região norte.

A vegetação tropical, até agora vista somente em segundo plano nas imagens apresentadas, ganha uma atenção especial. Em 43 fotografias, quase 20% do total de série das fotografias brasileiras, a natureza do país é destacada. Uma série de imagens, quase retratos de diferentes palmeiras e árvores fotografadas, da Amazônia e do Rio de Janeiro, exibem a riqueza tropical e a biodiversidade da flora brasileira, que sempre despertou o interesse dos viajantes europeus.¹⁷



Palmeira Javary na região do Alto Amazonas



Árvore perto de Petrópolis

¹⁷ Lembramos o grande trabalho do naturalista bávaro Carl Friedrich Pilip von Martius que a partir de 1840 publicou a *Flora brasiliensis*, até hoje a maior Flora do mundo. Em 40 volumes e com mais do que 3.800 pranchas foram descritas quase 23.000 diferentes espécies do Brasil.

Terminada a apresentação das cidades e da natureza, começa a segunda parte, dedicada aos habitantes do Brasil. Com uma série de 19 fotografias, mostrando índios de diversas tribos da Amazônia, abre-se a apresentação dos brasileiros. Além de Araras, Tecunas, Miranhas e Amauás, um grande número de fotografias de índios bolivianos, trabalhando como remadores em Manaus, está incluído nessa apresentação, formada por retratos individuais, fotografias de grupos de índios e imagens de suas habitações.



Maloca de índios Tikunas no Alto Amazonas



Dois Índios Amauás

Uma galeria de 43 imagens de "escravos", divididas por sexo, colocadas em *passe-partouts* representam o próximo grupo étnico, os negros. Trata-se de uma série formada principalmente por retratos em formato *carte-de-visite* apresentando diversos "Tipos Negros" da Bahia e de Pernambuco, assim como as chamadas "Cafusas", "Caboclas" e "Mulatas". Nos cartões está anotado que "parte deles ainda nasceu na África", deixando claro que eles originalmente pertenciam a outro continente, mas agora faziam parte da sociedade brasileira.



Galeria de "Tipos Negros": homens



Galeria de "Tipos Negras": mulheres

A apresentação do Brasil termina com os retratos de Dom Pedro II e Dona Thereza Christina Maria, fechando com imagens da monarquia que já tinham aberto a seção brasileira da exposição.



Retratos do casal imperial

A elaboração dessa exposição fotográfica, a escolha das imagens, a sistematização geral e a organização das seqüências e subséries, demonstram um igualmente cuidadoso e hábil manejo do então novo meio de comunicação visual. Montada por Alphons Stübel, a exposição revela uma grande preocupação do seu idealizador em apresentar, de uma forma sistemática, uma diferenciada visão sobre o Brasil. É sobretudo a visão de Alphons Stübel que nós vemos na exposição, a visão de um cientista alemão da segunda metade do século XIX. Em outras palavras, na apresentação das 2000 fotografias se manifesta um "olhar europeu" sobre a América do Sul.

Gostaríamos de apontar para uma linha de interpretação desse "olhar", sem que aqui possamos esgotar o assunto. A exposição reforça, ou pelo menos apóia, a imagem de um Brasil diferente e exótico, ao mesmo tempo moderno e retrógrado: Um Império nos trópicos, no meio de uma exuberante natureza

habitada por tribos indígenas, rumando para o futuro com claros sinais de progresso, mas ainda baseado num sistema de trabalho escravocrata. Nas imagens do Rio de Janeiro, Salvador e Recife, mostrando os importantes portos e centros comerciais, foram apresentadas claras provas de uma modernidade tropical. Nas fotografias do rio Amazonas Stübel aponta para os vapores, meios de transporte modernos e objetos simbólicos do avanço tecnológico. A diversificada natureza do país, simbolizada pelas galerias de palmeiras e árvores, é vista como uma inesgotável fonte de recursos naturais. Porém, as pequenas habitações e vilarejos nas margens do rio, apesar de prometerem um grande futuro, ainda são provas da distância que separa o Brasil da Europa. Na apresentação de imagens de índios e sobretudo de escravos africanos em grande escala, Alphons Stübel exhibe uma galeria de testemunhas visuais que evidenciam a diferença e o retrocesso da sociedade brasileira comparada com a europeia.

Um "olhar europeu" sobre a América do Sul e a "Collection Alphons Stübel"

A fotografia na América do Sul foi fortemente influenciada pela Europa.¹⁸ Através do crescente número de publicações nos últimos anos, apesar de muitas perguntas ainda em aberto, já sabemos da atuação decisiva dos fotógrafos estrangeiros na produção de imagens na América do Sul durante o século XIX.¹⁹ Também a sua clientela se constituiu em grande número por visitantes do Velho Continente, que por várias razões passaram pela América e acabaram por comprar fotografias antes de voltar para a Europa.

¹⁸ Kossoy, Boris: *Photography in Nineteenth-Century Latin América. The European Experience and the Exotic Experience*. In: Watriss; Zamora: *Image and Memory* (1993), p. 19-53.

¹⁹ Só para mencionar algumas das muitas publicações sobre a fotografia brasileira oitocentista, que destacam a participação dos profissionais estrangeiros: Ferrez, Gilberto; Naef, Weston J.: *Pioneer Photographers of Brazil, 1840-1920*. New York, 1976; Ferrez, Gilberto: *A história da fotografia no Brasil 1840-1900*. Rio de Janeiro, 1985; Kossoy, Boris: *Orígens e expansão da fotografia no Brasil - Século XIX*. Rio de Janeiro, 1980; e do mesmo autor: *Dicionário Histórico-Fotográfico Brasileiro. Fotógrafos e Ofício da Fotografia no Brasil 1833 – 1910*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2001; Karp Vasquez, Pedro: *Fotógrafos Alemães no Brasil do Século XIX. Deutsche Fotografen des 19. Jahrhunderts in Brasilien*. São Paulo: Metalivros 2000.

O geólogo Alphons Stübel, por varios motivos, é um exemplo extraordinário desses colecionadores de fotografias do século XIX. Comprou a estonteante quantidade de 2000 imagens. Porém, a compra das fotografias não era um simples passatempo de um viajante querendo mostrar imagens dos exóticos países por ele cruzados para os seus familiares e amigos num pequeno círculo particular. As imagens fizeram parte do seu trabalho científico e foram empregadas como documentos visuais numa exposição na "Abtheilung für vergleichende Länderkunde" sobre a América do Sul.

O Uso de fotografias em grande escala para um projeto de âmbito científico-educativo marca uma grande novidade no século XIX. Stübel, um cientista extremamente preocupado com a divulgação de informações fidedignas, buscava transmitir uma sistematizada visão geral dos diferentes países. Empregava fotografias, consideradas tanto pelo cientista quanto pelos espectadores no século XIX como documentos visuais absolutamente confiáveis. Com a fotografia as opiniões, antes sujeitas a equívocos, foram reforçadas pela concretude das imagens. A imaginação europeia sobre o Brasil se enriquecia com essas fotografias, que preenchiam as fantasias dos espectadores com representações visuais concretas.²⁰

A "Collection Alphons Stübel" oferece uma rara e especial oportunidade de pesquisar um coerente corpo de fotografias. Não se trata somente de um simples convoluto de imagens, mas de um conjunto fechado de fotografias sul-americanas do século XIX, reunidas e organizadas na época pelo cientista Alphons Stübel. É justamente este último fator que determina a particularidade dessa coleção alemã. A totalidade da "Collection Alphons Stübel" pode ser considerada um "documento histórico" singular, composto por fontes visuais, acompanhado de fontes escritas e objetos adicionais de cunho científico.

Uma análise dessa coleção proporciona novas informações sobre o mercado internacional de fotografias no século XIX, além de esclarecer aspectos sobre o uso de imagens num contexto científico-educativo. Na "Collection

²⁰ Kossoy, Boris: *Photography in Nineteenth-Century Latin América. The European Experience and the Exotic Experience*. In: *Watriss; Zamora: Image and Memory* (1993), p. 19-53. A questão sobre a fotografia; relação com a ideologia, sobretudo p. 37-46.

Alphons Stübel" se cristalizou um "olhar europeu" específico sobre a América do Sul.

Referências Bibliográficas

AGASSIZ, Louis; AGASSIZ, Elizabeth Cary. **Viagem ao Brasil, 1865-1866.**

Belo Horizonte: Livraria Itatiaia; São Paulo: Editora da USP, 1975.

BROCKMANN, Andreas; STÜTTGEN, Michaela (Org.). **Spurensuche.** Zwei

Erdwissenschaftler im Südamerika des 19. Jahrhunderts. Unna, 1994.

BROGIATO, Heinz Peter; HORN, Katarina. Der historische Bildbestand im

Institut für Länderkunde Leipzig. Aufbau eines digitalen Langzeitarchivs.

Information Wissenschaft & Praxis, v. 54, n. 1, t. 27-31.

CUNHA, Lygia Fonseca Fernandes da. **A "Coleção D. Thereza Christina**

Maria" no Catálogo com o mesmo título da exposição realizada na Biblioteca

Nacional de 17 de março a 14 de maio de 1987. Rio de Janeiro, 1987.

ERMAKOFF, George. **O negro na fotografia brasileira do século XIX.** Rio de

Janeiro: Casa Editorial, 2004.

FERREZ, Gilberto. **A fotografia no Brasil, 1840-1900.** Rio de Janeiro:

Funarte/Fundação Nacional Pro-Memória, 1985. (História da fotografia no

Brasil, 1).

FERREZ, Gilberto; NAEF, Weston J. **Pioneer photographers of Brazil, 1840-**

1920. New York: The Center for Inter-American Relations, 1976.

FREITAS, Marcus Vinicius de. **Hartt: expedições pelo Brasil Imperial, 1865-**

1878. São Paulo: Metalivros, 2001.

KOSSOY, Boris. **Dicionário histórico-fotográfico brasileiro: fotógrafos e**

ofício da fotografia no Brasil 1833 – 1910. São Paulo: Instituto Moreira Salles,

2001.

KOSSOY, Boris. **Origens e expansão da fotografia no Brasil: século XIX.**

Rio de Janeiro: Funarte, 1980.

KRASE, Andreas. "Von der Wildheit der Scenerie eine deutliche Vorstellung": die Fotografiesammlung von Alphons Stübel und Wilhelm Reiss aus Lateinamerika 1868 – 1877. **Spurensuche**, p.145 – 158.

MEYER, Hans. Alphons Stübel. In: _____. **Mittheilungen des Vereins für Erdkunde u Leipzig für 1904**. Leipzig, 1905. p.57-78.

TURAZZI, Maria Inez. **Marc Ferrez**. São Paulo: Cosac & Naify, 2000.

VASQUEZ, Pedro Karp. **O Brasil na fotografia oitocentista**. São Paulo: Metalivros, 2003.

VASQUEZ, Pedro Karp. **Dom Pedro II e a fotografia no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Index, 1985.

VASQUEZ, Pedro Karp. **Fotógrafos alemães no Brasil do Século XIX = Deutsche Fotografen des 19. Jahrhunderts in Brasilien**. São Paulo: Metalivros, 2000.